



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na conferência “Chamada Global para a Ação Contra a Pobreza”, no Fórum Social Mundial

Porto Alegre-RS, 27 de janeiro de 2005

Meus queridos companheiras e companheiros,
Delegados do Fórum Social Mundial,
Meu caro Cândido Grzybowski, coordenador geral do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas,
Meu caro John Samuel, da Chamada Global para a Ação contra a Pobreza,
Senhor Guy Ryder, secretário-geral da Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres
Senhora Varruca Hara, do Conselho de Igrejas Africanas,
Senhora Coumba Touré, representante da Rede Africana Educação para Todos,
Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,
Meu querido companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Marinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores,
Minha querida companheira Marina Silva, ministra do Meio Ambiente,
Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Meu querido companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades,
Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,



Meu querido companheiro Nilmário Miranda, secretário especial dos Direitos Humanos,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para Mulheres,

Minha querida Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Meus companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Dirigentes partidários,

Militantes políticos contra, a favor e muito pelo contrário,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu, se não estivesse aqui, estaria tão ou mais feliz do que assistindo essa demonstração cívica de exercício da democracia e de compromisso das organizações sociais com um dos problemas mais sérios que a humanidade já passou.

Perguntar a mim se um outro mundo é possível seria desnecessário; seria apenas necessário aliar o que aconteceu com o Fórum Social Mundial nesta sua terceira versão, e constatar que ele está mais vigoroso, mais participativo e, pela primeira vez, assumindo a responsabilidade de transformar um problema crônico da humanidade como um tema prioritário a ser defendido pelas entidades que participam das ações sociais no mundo inteiro.

Quem duvida que um outro mundo é possível, leve uma fotografia deste plenário para casa e olhe todo dia, e perceba a evolução que nós tivemos em tão pouco tempo de realização do Fórum Social Mundial. Mas não é apenas a questão do Fórum, era importante que cada companheiro, independentemente do país que seja, independentemente do partido ou do time de futebol que participe, independentemente da seita ideológica, é importante lembrar a evolução que houve na América Latina nesses últimos dois anos.



É importante lembrar que há pouco mais de dois anos, um país importante como a Argentina sequer tinha visão de eleger um presidente da República porque se imaginava que o Menem voltaria a ser presidente. O que aconteceu na Argentina, é que o companheiro Kirchner assumiu a Presidência da Argentina e está mudando não apenas a relação do governo com o seu povo, mas está contribuindo para mudar a relação entre os estados da América Latina.

É importante lembrar que no nosso querido Uruguai acaba de ter uma eleição e, depois de três derrotas, o companheiro Tabaré, finalmente é eleito presidente da República. É importante lembrar que o companheiro Nicanor Duarte conseguiu derrotar a estrutura oligárquica do Paraguai. É preciso lembrar o que aconteceu na Venezuela mais recentemente. É preciso lembrar o que aconteceu no Panamá mais recentemente, e a gente vai perceber que a evolução política na América do Sul está permitindo não apenas sonhar que um outro mundo é possível, mas está permitindo que a gente construa, dia-a-dia, a possibilidade de termos esse mundo.

Quem é que acreditava, aqui, no nosso continente, que em apenas dois anos, países que não conversavam, e posso falar do Brasil, que viveu o tempo inteiro olhando para a Europa e para os Estados Unidos, de costas para a América do Sul e de costas, na verdade, para a África. Graças a uma política externa, arrojada e prepositiva, há menos de um mês nós assinamos, na cidade de Cuzco, no Peru, a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações. É pouco, é pouco, certamente, mas é importante saber que todos os países da América do Sul, há pouco tempo tinha uma subordinação ao chamado mundo desenvolvido.

E nós resolvemos estabelecer entre nós uma relação de confiança, política de complementaridade, definindo a tese de que não basta a integração do discurso, discurso que é feito há muitos séculos. A integração passa por políticas concretas, passa por obras de infra-estrutura, passa por obras de



energia elétrica, de comunicação, de ferrovia, de rodovia, e é por isso que mesmo o Brasil sendo um país pobre, através do BNDES estamos participando ativamente para ajudar nas parcerias e no desenvolvimento dos países da América do Sul, sem o qual não haverá integração e, sim, apenas discurso.

É por isso que estamos fazendo parceria como nunca foi feito com a Argentina, através de uma ação positiva do governo brasileiro e do presidente Kirchner. Se depender de alguns setores da tecnocracia brasileira, nós não teremos relação com a Argentina. Se depender de uma parte da tecnocracia argentina, não teremos relação com o Brasil. Se depender de uma parte dos empresários dos dois lados, nós não teremos... Agora, a verdade é que a América do Sul e o Mercosul não serão os mesmos se Brasil e Argentina não se entenderem e não fizerem solidamente uma política de ação conjunta para passar confiança aos outros países.

Depois de criarmos a base para a comunidade Sul-Americana de Nações, nós resolvemos nos voltar para a África, para a tão querida África, com quem o Brasil tem uma dívida histórica e uma parte da elite brasileira tinha vergonha de olhar para o continente africano, olhava por cima, apenas para enxergar a Europa.

Em dois anos, eu visitei mais países da África do que todos os presidentes na história do meu país. E fiz isso porque o Brasil tem responsabilidade com a África. Nós somos a segunda nação negra do mundo, depois da Nigéria. Uma parte do que o Brasil é se deve à África. E, por isso, o Brasil tem que restabelecer a sua política com a África. Já visitei dez países, vou visitar mais três este ano. E, se Deus quiser, mais três no ano que vem, até que a gente estabeleça uma relação para saber como países como o Brasil podem ajudar os países africanos, como ajudamos Moçambique e Gabão, anistando a dívida que eles tinham com o Brasil; como fizemos com a Bolívia e como vamos fazer com o Suriname.

Eu poderia ter feito a opção de ficar dentro do meu país apenas falando



e discursando, que é mais fácil do que sair para conversar com uma pessoa que você nem entende a língua e ter que convencê-la a ser parceira, para que a gente possa encontrar uma saída conjunta, até porque eu sou daqueles que não acredita que haja saída, individualmente, para nenhum país do mundo. Ou nós nos juntamos ou não teremos saída. E juntar para que a gente aproveite a boa experiência de cada um.

Depois disso, visitamos sete países árabes. O último governante brasileiro a visitar o Líbano tinha sido D. Pedro, em 1847, por aí. Nós fizemos uma visita por sete países e vamos ter agora, em maio, um encontro histórico entre todos os representantes dos países árabes e todos os governantes da América do Sul, para que a gente estabeleça uma relação mais forte, para que a América do Sul enxergue o Oriente Médio, e para que o Oriente Médio enxergue a América do Sul. E que a gente passe a fazer transações culturais, comerciais, científicas e tecnológicas, afinal de contas, não podem ser apenas a Europa e os Estados Unidos a receberem os milhões de árabes que viajam o mundo e fazem negócios. Nós temos que mostrar que na América do Sul nós não somos seres inferiores, nós temos condições de competir em igualdade de condições.

Depois, fomos à Índia e à China. E por que nós fomos? Porque achamos que esses países grandes podem se transformar em parceiros estratégicos de países como o Brasil, para que a gente possa mudar a correlação de força dos fóruns multilaterais e para que possamos ter uma predominância da política da maioria dos países e não apenas da política dos países ricos.

Depois disso, meus companheiros e companheiras, nós criamos o G-3: Índia, Brasil e África do Sul. Depois, criamos o G-20. Eu me lembro, meu caro Presidente, que quando criamos o G-20 não faltaram pessimistas, no Brasil e lá fora, para dizer que o G-20 era um fracasso total, que nós não tínhamos força para fazer negociação. E três meses depois, em Genebra, o G-20 demonstrou não apenas que tem força, demonstrou que é possível, numa política de muita



conversação, a gente fazer com que os países ricos abram mão dos subsídios agrícolas, para permitir que os países pobres possam competir comercialmente em igualdade de condições.

Eu me lembro de quando o Brasil entrou na OMC, contra os subsídios do algodão e contra o subsídio do açúcar. Na Europa e nos Estados Unidos não faltaram pessimistas que diziam: isso não vale nada, o Brasil não vai ganhar, o Brasil vai perder porque o Brasil é fraco. E o que aconteceu é que nós ganhamos e os subsídios do algodão não favorecem só o Brasil, favorecem muito mais os países africanos que têm no algodão a base fundamental da sua economia. Os subsídios do açúcar não favorecem apenas o Brasil, mais outros países do mundo, produtores de açúcar. E, agora, estamos na luta pela unidade de um acordo comercial entre União Européia e o Mercosul. Alguns podem dizer: mas o presidente Chirac é contra, mas o primeiro ministro Schroeder é contra, mas Tony Blair é contra, mas Bush é contra.

Ora, se eles fossem a favor as coisas já estavam resolvidas, é pelo fato deles serem contra que nós temos que fazer política, é pelo fato deles serem contra que nós temos que convencê-los que conversar...Vou a Davos hoje e vou lá dizer o que estou dizendo aqui: fui convidado para ir para o G-08 e estarei lá para dizer o que eu estou dizendo aqui, porque seria muito mais fácil reunir meia dúzia de amigos, comprar meia dúzia de refrigerantes e ficar em torno de uma mesa apenas falando o que os meus amigos gostariam de ouvir. Não, eu nasci fazendo enfrentamento, aliás, eu sou de Pernambuco, de um estado muito pobre, e o pernambucano que não morre de fome antes de cinco anos de idade, já é um batalhador incansável.

Eu estou aqui porque acredito piamente que vocês estão dando o passo mais importante e o passo histórico mais sério do Fórum Social Mundial. Vocês estão deixando de ser um conjunto de pessoas, cada um discutindo o que quer para determinar o tema e transformar a questão da fome de um problema



social num problema político.

E aí, sim, quando a fome for um problema político a gente vai perceber que outros irão participar. E tem gente que nunca passou fome. Acha que isso não vale nada. Tem gente que toma café de manhã, almoça e janta e ainda toma um chá antes da meia noite para dormir, e acha que isso não vale nada. Isso é uma campanha de proselitismo, porque nunca viu uma criança morrer de fome no colo da mãe como eu vi na cidade Souza, a mãe pedindo esmola para enterrar o seu filho.

É proselitismo para quem come as calorias e as proteínas necessárias, mas para a maioria do povo brasileiro, para uma grande parte do povo da África, da América Latina e de países asiáticos, dar três pratos de comida por dia é uma verdadeira revolução que nós estamos fazendo neste planeta Terra. É, possivelmente, mais do que isso. Eu poderia fazer como no começo da minha entrada na política. Quando eu entrei na política: não pode entrar no sindicato porque só tem pelego, eu entrei, e em três anos mudamos a história do movimento sindical brasileiro. Quando eu fui criar um partido político: não pode, porque não existe cultura de trabalhador criar partido político. Em 20 anos criamos o partido político mais importante da América Latina.

E os visitantes, os de fora, não se assustem, porque estes que não querem ouvir são os filhos do PT que se rebelaram mas, um dia, é próprio da juventude, eles amadurecerão e à casa retornarão, e nós estaremos de braços abertos para recebê-los, tratando-os com o mesmo carinho com que sempre os tratamos.

Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial,

É importante que vocês tenham em conta que em setembro vai ter reunião na Assembléia Geral das Nações Unidas, é importante que o Fórum transfira a sua energia para fazer com que nós, delegados das Nações Unidas, tenhamos coragem de tomar as medidas para cumprir as Metas do Milênio. É preciso que vocês participem para que a gente possa democratizar não apenas



a ONU, mas todos os fóruns multilaterais existentes no mundo, porque a maioria dos países pobres nem participam porque não pagam, não têm direito a voto. É preciso que a gente construa uma outra força no mundo para que a gente possa mudar a geografia política, comercial e cultural.

Meu caro Presidente, quando comecei essa empreitada de visitar os países pobres e comecei a falar que era possível criar uma nova geografia comercial, alguns diziam para mim: “Presidente Lula, não faça isso, porque você está brigando com os Estados Unidos, não faça isso porque você está brigando com a União Européia.” Não, eu não estou brigando. Eu aprendi, no movimento sindical que se eu sou mais pobre, se tenho menos dinheiro e, portanto, tenho menos força, eu tenho que ter mais gente do meu lado, eu preciso juntar os iguais para que a gente possa fazer pressão e mudar a geografia existente no mundo. E eu penso que nós estamos avançando. Estamos avançando, eu diria, de forma excepcional.

Eu, que vivo o dia-a-dia, sei o quanto os Estados Unidos implicaram com o nosso companheiro Chávez, eu me lembro quando eles implicaram. Fomos nós, em Quito, em janeiro de 2003, que anunciamos: o problema da Venezuela não é um problema dos Estados Unidos, é um problema da América do Sul. E nós vamos cuidar de encontrar uma saída. Propusemos o grupo de amigos e, graças a Deus, está aí o referendo que consolidou a liderança de um dirigente.

Agora mesmo teve um problema com a Colômbia e a Venezuela. Nós não ficamos em casa não, fomos à Colômbia. Foi um companheiro meu à Venezuela para que a gente discuta e estabeleça harmonia entre as pessoas, afinal de contas, nós somos países pobres, não temos o direito de gastar a nossa energia brigando com coisas secundárias, mas produzindo riqueza para que esse povo possa ter acesso a muitos e muitos bens. E nós estamos conseguindo isso, para desgraça de alguns, para infelicidade, porque eu perdi três eleições para ganhar uma. Ganhei uma eleição. Mas o que tem de “urucubaca” torcendo para a gente não dar certo, eu tenho que levantar de



“figa” todo dia para dizer: pelo amor de Deus.

Eu queria dizer algumas coisas sobre o meu querido Brasil. Ontem, eu e o ministro Tarso Genro tivemos a alegria e o prazer de ir a São Paulo entregar as primeiras bolsas de estudo do ProUni. O ProUni é uma parceria feita entre o Ministério da Educação e o governo, com as universidades privadas, as filantrópicas que, com uma isenção, nós criamos 112 mil vagas e, ontem, 107 mil novos alunos ganharam bolsa total ou parcial, para fazerem um curso universitário que eles não poderiam fazer. Quarenta por cento dessas bolsas, gente, estão reservadas para negros e indígenas. Essa bolsa é para gente pobre, da periferia e das escolas públicas deste país.

Mas aí tem um problema, alguns companheiros que nunca tiveram problema na vida e já têm sua vaga garantida nas boas universidades públicas federais são contra essas bolsas porque, na verdade, eles são contra pobre estudar, eles são contra pobre ter acesso à universidade, porque já garantiram a vaga deles.

Está aqui a ministra Marina, se vocês não sabem, é aquela de vestido preto ali, parece até mais uma companheira da Índia ou da África. Esta companheira é ministra do Meio Ambiente. Nós, em dois anos de governo, já demarcamos 47 terras indígenas, mais do que o outro governo. Nós já transformamos, praticamente, 5 milhões de hectares em reservas florestais. Em dois anos, 500% a mais do que em dois anos do outro governo. E isso incomoda.

O programa Bolsa Família, que é o maior programa de transferência de renda que já existiu, já atendeu, em dezembro, a 6 milhões e meio de famílias. E vai atender a 8 milhões e 700 mil em dezembro, a 11 milhões de pessoas em 2007, para a felicidade de quem recebe e para a desgraça de quem não quer que o povo coma, para a desgraça de quem não quer que as políticas sociais cheguem até o nosso querido povo.

Aqui, vale menos para os brasileiros, vale mais para os estrangeiros.



Quando nós pegamos este país, no dia 1º de janeiro de 2003, nós tínhamos um déficit de balança de conta corrente de 32 bilhões. Hoje, temos superávit de 10 bilhões. Nós pegamos este país com o risco-Brasil a 2.400 pontos, hoje está a 400 pontos. Nós pegamos este país sem crédito para as nossas importações, e hoje o Brasil bateu recorde de exportação: 96 bilhões de dólares; e recorde de saldo comercial: 36 bilhões de dólares.

Mas não é só isso, está aqui o Marinho, presidente da CUT, está o Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, que desde 1982 reclamava comigo: não tem emprego, a indústria automobilística só manda embora. E, a cada dia que passava, a indústria ficava vazia. Este ano, o Brasil bateu recorde na produção de automóveis e os empregos na indústria automobilística cresceram 27 mil e, só no ABC, para os metalúrgicos que me criaram na política, 11 mil novos empregos com carteira profissional assinada, mais uma indústria automobilística.

Vocês leram os jornais hoje, o desemprego caiu para apenas um dígito. No ano passado foram quase 2 milhões de empregos com Carteira Profissional assinada. E este ano vai crescer mais, porque nós preparamos as bases para o Brasil crescer mais, nós vamos fazer as ferrovias que faltam, as hidrovias que faltam, a energia que falta, as estradas que faltam e, certamente, nós vamos gerar mais empregos, vamos fortalecer mais a massa salarial e distribuir a renda. E os meus filhos, que saíram de casa cedo, haverão de falar: “puxa vida, eu estou pensando em voltar para aquela casa, porque a coisa está voltando a funcionar perfeitamente bem.”

Companheiros, eu não vou dar mais números sobre a economia brasileira porque eu acho que vocês vão receber material farto nesses dias, eu só queria terminar dizendo a vocês o seguinte: eu sou um homem perseverante, sou um homem determinado a fazer as coisas como podem ser feitas. Tem gente que acha que as coisas podem acontecer antes do tempo, eu sou daqueles que acreditam que tudo tem que ter uma preparação, eu sou



daqueles que preferem dar um passo menor a cada dia e não parar nunca a minha caminhada, do que dar um passo grande, ter uma distensão e ficar três meses na geladeira, sem poder caminhar mais.

E quero dizer aos companheiros do Fórum Social Mundial: não sei se no ano que vem ele vai ser feito Brasil. Queria dizer para vocês que eu não sou gaúcho, mas se pudesse continuar sendo no Rio Grande do Sul, seria uma alegria, não apenas para o gaúcho, mas para os brasileiros. Mas respeito e sei da importância que o Fórum tem para outros países. Se vocês decidirem, certamente não terão tantos brasileiros como aqui, certamente, não sei se eu poderei ir, mas podem ficar certos que, se me convidarem, não tenham dúvida de que eu irei aos Fóruns Sociais, porque eu estou Presidente da República, mas, de origem, eu sou do movimento social, de origem eu sou um militante político. Quando terminar o meu mandato eu não vou para a França, nem para os Estados Unidos fazer pós-graduação, quando eu terminar o meu mandato eu vou voltar para São Bernardo do Campo para conviver com os meus companheiros metalúrgicos, de onde eu nasci e, certamente, é para onde eu vou voltar.

E este barulho que vocês estão ouvindo agora eu ouço desde 1975, os meus ouvidos já estão calejados, preparados. De vez em quando eu vejo isto como harmonia gostosa, como parte da democracia. É um gesto democrático feito pela boca daqueles que não têm paciência de ouvir as verdades.

Muito obrigado, companheiros, e boa sorte a todos os delegados.



Respostas do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a questionamentos de participantes da conferência “Chamada Global para a Ação Contra a Pobreza”, no Fórum Social Mundial

Porto Alegre-RS, 27 de janeiro de 2005

OBS: As perguntas foram feitas na seqüência e a fala do Presidente contempla todas as respostas.

Presidente: Posso pedir licença à mesa para começar pela última pergunta que me foi feita porque eu convivo com indagações como esta desde que comecei a minha vida sindical.

O problema é o seguinte: se nós ficarmos apenas reunidos entre nós, fazendo diagnóstico de que a situação está ruim, de que tem gente com fome, e se a gente não der passe para que a gente converse com aqueles que são responsáveis pela nossa fome, muito mais difícil será encontrarmos uma solução.

Desde a primeira vez que eu vim ao Fórum de Porto Alegre eu disse que era importante a gente vir aqui, diagnosticar as boas políticas, mas, ao regressar para os nossos países, deveríamos ter uma ação de fazer pressão em cima dos governantes, dos empresários e do sistema financeiro para que eles comesçassem a mudar de comportamento em relação a esse problema.

É por isso que eu acho que, em algum momento, vai ter que ter um encontro entre a Cúpula de Davos e a Cúpula do Fórum Social para discutirem concretamente os passos que têm que ser dados para se mudar a lógica perversa da distribuição de renda no mundo. Foi assim que eu fui a Davos, foi assim que fui a Evian, é assim que eu vou outra vez. Porque eu, que sou de um país pobre, não preciso me encontrar com outro presidente pobre para ficar



discutindo a minha pobreza. Eu não preciso me encontrar com um presidente rico para ficar dizendo que eu sou pobre. Eu tenho é que dizer para ele que é preciso criar mecanismos para acabar com a pobreza, e só se eu estiver presente.

Eu tenho dito o seguinte, gente: nós não temos que ter medo de conversar com os nossos parceiros, sejam eles mais ricos do que nós. Nós temos que estabelecer uma linha de ação. Eu vou dar um exemplo para vocês, muito concreto: a guerra do Iraque. Me digam uma coisa: qual a insensatez que levou o presidente Saddam Hussein, sabendo que estava fragilizado? Vários países do mundo se ofereceram para intermediar o acordo. Poderia citar a França, a Alemanha, o Brasil. Vários de nós nos propusemos a intermediar, não queriam nem ouvir falar. Como é que alguém aceita que o seu país seja destruído, seja pela insensatez de quem destruiu, seja pela insensatez de quem poderia ter feito todos os gestos com outros parceiros, para que a gente resolvesse o problema? Não. Preferiu achar que podia fazer tudo e não fez nada. Hoje, nós temos o Iraque na situação que está, com milhares e milhares de mortos, de vítimas e a gente não sabe quando vai parar.

Então, eu acho que toda oportunidade que eu tiver de conversar com alguém, seja empresário, governante, seja qualquer pessoa, para resolver e ser solidário à política de combate à pobreza, podem ficar certos de que eu não medirei nenhum esforço e irei dizer para eles exatamente as coisas que eu digo, todo santo dia, no meu país. Porque no meu país eu já falei bastante, mas é preciso que os outros saibam o que nós estamos pensando.

Então, a minha tese é a seguinte: nenhum país tem que pedir favor, isso se chama pedir respeito, respeito é bom, a gente gosta de dar e a gente gosta de receber e, portanto, fazer o mundo mais justo. Não é apenas obrigação dos pobres chorarem, é obrigação dos ricos compreenderem que eles não conseguirão ter um mundo de paz se a gente não acabar com a miséria no mundo de hoje. Essa é a minha tese e é por isso que eu vou aos fóruns



internacionais.

A questão da participação da mulher. Eu queria dizer para a companheira que fez a pergunta que eu me sinto feliz porque eu sou de um país em que, no meu partido, desde 1991, a participação política das mulheres é obrigatória nas instâncias deliberativas. Eu sou de um país em que a Central Sindical mais importante do meu país também tem determinado a participação proporcional das mulheres e, por isso, o Brasil tem as mulheres participando ativamente da vida política. É por isso que eu tenho uma ministra que coordena a Secretaria da Mulher, tem outra que coordena a questão da Igualdade Racial, tem outra do Meio Ambiente e tem outra de Minas e Energia. É porque eu acho que as mulheres também não têm que pedir favor.

Eu vou aproveitar e já vou responder à segunda pergunta. No Brasil, nós adotamos uma política de valorização da mulher muito interessante. Por exemplo, na questão da agricultura familiar. Nós temos um projeto para o homem, mas nós temos também um projeto de financiamento para a mulher agricultora, independentemente do seu marido. Quando nós fazemos a regularização de terra, dando os títulos, a gente não dá os títulos só para o homem, como antigamente, o título é dado em nome da mulher também, para ela se sentir dona daquela terra. No projeto Bolsa Família, o cartão de crédito é dado para a mulher, porque nós achamos que a mulher tem mais responsabilidade para cuidar da sua família do que nós mesmos, homens, e não temos vergonha de dizer isso nem aqui e nem em lugar nenhum.

A companheira Nilcéa acaba de anunciar na televisão brasileira a definição do Programa de Políticas Públicas para as Mulheres, depois de realizar conferências em muitos municípios do Brasil, nos 27 estados e fazer uma memorável conferência de 2 mil mulheres em Brasília, que definiu a política de participação das mulheres.

A questão da dívida brasileira e dos enfrentamentos que temos que fazer entre aquilo que queremos fazer e as contradições. Primeiro, lara, eu



acho que você tem claro e é importante que os meus companheiros do Fórum tenham claro. Desde que o Brasil foi descoberto, até 1994, o Brasil nunca tinha ultrapassado a sua dívida interna a 28% do PIB; nos oito anos, de 1994 a 2002, nós chegamos a ter a dívida a 58% do PIB brasileiro. O que é mais grave, lara, e você bem conhece, porque você é do ramo, você também conhece, o que é mais grave é quando o Brasil já não tinha mais credibilidade de vender títulos, o que aconteceu? O governo dolarizou a nossa dívida pública interna. E nós, quando pegamos o governo, tínhamos 47% de dívida pública dolarizada. E você sabe o quanto isso deixava o país vulnerável, o quanto poderia ter havido uma fuga de capital, como houve em 1999. O primeiro passo que nós demos foi começar a comprar a nossa dívida em dólar para que a gente não tivesse vulnerabilidade.

Este ano nós conseguimos fechar o ano com apenas – apenas não, é muito – mas com 54% apenas do PIB da nossa dívida interna, o que é uma evolução. A lara sabe, como todo militante sabe que o problema da dívida brasileira não é o montante, tem países que têm montante maior que o Brasil, o problema do Brasil é que, normalmente, a negociação se dá no curto prazo, ela vence. Este ano, lara, vão vencer 300 e poucos bilhões. E o nosso superávit só vai dar 47%, portanto nós vamos ter que negociar o restante.

Eu trabalho, lara, com a seguinte hipótese: não é pouco também o que nós investimos em política social. Eu vou dar um exemplo para você: nós saímos de 2 bilhões em políticas de combate à fome para quase 8 bilhões este ano. É muito dinheiro.

O Estatuto do Idoso incluiu 2 milhões e 800 mil brasileiros e brasileiras a mais, recebendo um salário mínimo. Eu estou dizendo de política direta. Se você analisar, lara, que este ano nós vamos ter um rombo na nossa Previdência de 40 bilhões de reais e o que o Tesouro tem que colocar, portanto, foge daquilo que o contribuinte pagou, ou seja, você percebe que nós estamos fazendo um esforço imenso para fazer com que os aposentados



recebam aquilo que têm direito. E, por isso, o Tesouro tem que colocar 40 bilhões a mais. Eu te confesso, lara, que se a gente tem 50, 100 ou 150, ainda é pouco em função do acúmulo da dívida social neste país. É um acúmulo secular e nós temos que trabalhar, a cada ano que passa, para que a gente pague essa dívida social.

Eu trabalho todo santo dia com esse sonho. Muitas vezes, muita gente se queixa do superávit. Agora, com o superávit nós pagamos apenas uma parcela daquilo que nós devemos e o resto a gente vai ter que ir rolando. E eu gostaria de, um dia, poder ter um superávit capaz de pagar, para essa dívida diminuir definitivamente.

Por último, a questão de Nova Iorque, ou melhor, a questão do G-8. A diferença de a gente estar nesses lugares, eu disse na primeira pergunta, é porque você se encontra com as pessoas com quem você não conversa. Eu tive sorte porque, em apenas dois anos, eu consegui me encontrar com dezenas de lideranças mundiais que, possivelmente, eu terminasse o meu mandato sem encontrar. Não é fácil encontrar os presidentes. Não pensem que é fácil fazer uma reunião com o presidente de um país importante. É muito difícil. É muito difícil fazer reunião com os países pequenos porque, ou eles não têm dinheiro para viajar ou, muitas vezes, os países ricos não têm interesse em ir lá.

Então, em todos os fóruns internacionais, todos, sem distinção, que eu souber que tem dirigentes de outros países, e eu seja convidado, vocês podem ficar certos de que eu não deixarei de estar presente porque, para mim, política é relação humana, política é conversa, política é convencimento. E eu não sou daqueles de ficar sentado lá em casa, olhando para a cara da minha mulher, achando que as coisas estão ruins. Eu sou daqueles que saem para a rua para tentar fazer. É por isso que eu sou um homem extremamente feliz. Eu acho que nós já fizemos, em dois anos, o que alguns tentaram fazer e não conseguiram fazer em dez anos. E acho que vamos fazer muito mais. Podem



ficar certos de que nesses próximos dois anos, se acontecer o que eu estou pensando que vai acontecer na América do Sul, as parcerias que estamos fazendo para desenvolver os países vizinhos, certamente, quando menos se esperar, a América do Sul será um continente altamente respeitado no mundo dos negócios.

Por isso, eu quero que vocês saibam que, se Deus quiser, em setembro eu estarei na ONU, outra vez. Podem ficar certos, com meu discursinho de 17 minutos, mas muito mais importante que o discurso são as reuniões que a gente faz nas ante-salas, com outros chefes de Estado. Um abraço, um aperto de mão já ajudam a gente a se aproximar e a quebrar barreiras. Por isso, eu acho que vou continuar fazendo isso, porque eu só tenho mais dois anos de mandato e eu não posso perder um segundo sequer me lamentando.

Um governante não pode se lamentar do que não fez. Ele tem que trabalhar para fazer tudo que for possível fazer.

Muito obrigado, gente, boa sorte. Que Deus abençoe a todos vocês.

Daqui a pouco vai entrar para fazer um pequeno show aqui, a nossa querida Portela, e o samba dela, o samba-enredo do carnaval deste ano é sobre as Metas do Milênio e eu quero que vocês ouçam, porque cada um de vocês, delegados que participaram do Fórum Social Mundial, tem a obrigação, pelo menos no dia de carnaval, de ouvir esta música até aprender, para a gente cantá-la, quem sabe um dia, na frente do prédio das Nações Unidas e, quem sabe, as pessoas fiquem muito mais sensíveis à luta contra a fome.